

Ano 9, Vol IX, Número 2, Jul-Dez, 2017, Pág. 124-137.

Pescando memórias: ensaio etnográfico com pescadores artesanais sobre a atividade da pesca em diferentes contextos

Gabriella Bianca Miuta Cavalli
Jéssica do Socorro Leite Corrêa
Luis Junior Costa Saraiva

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar as tensões vivenciadas por pescadores artesanais de três diferentes espaços de pesca, e a forma como os mesmos vivenciam memórias ligadas a um tempo de fartura, no qual o trabalho do pescador era facilitado devido a abundância do pescado. Revisitar essas memórias e repensar as próprias mudanças ambientais que ocorrem nas áreas de pesca, com o surgimento da pesca industrial e do uso de técnicas extremamente agressivas, que não só capturam quantidades maiores de peixe, como colocam em risco o próprio ambiente no qual muitas dessas espécies utilizam para se reproduzir. Da abundância que ficou somente na memória, surge um tempo de escassez que não deve ser ignorado, pois reflete tensões sociais em tempos de capitalismo agressivo.

PALAVRAS-CHAVE: Pesca artesanal, memória, abundância, escassez, ambiente.

Fishing memories: an ethnographic essay with artisanal fishermen on fishing activity in different contexts

ABSTRACT

This article aims to analyze the tensions experienced by fishermen from three different fishing areas and the way they live the memories of a time of abundance, in which their activity was facilitated by the abundance of fish. Reliving those memories and rethinking the environmental changes which occur in their fishing areas, because of the emergence of industrial fishing and the use of extremely aggressive techniques, is fundamental to understand today's social issues. The aggressive fishing techniques not only capture large quantities of fish at once, but they also endanger the environment, where many of these species reproduce. From the memories of abundance come a time of shortage that should be not ignored because it reflects social tensions in a time of aggressive capitalism.

KEYWORDS: Artisanal fishing, memory, abundance, lack, environment.

A pesca e a memória

A atividade pesqueira é uma prática sócio histórica e cultural construída ao longo de décadas, com especificidades particulares de cada grupo tradicional, pois distintamente desenvolvem técnicas e habilidades muito particulares em conformidade com seu contexto, principalmente em relação às questões ambientais de cada espaço, obtendo assim o sucesso necessário, que está relacionado ao caráter de subsistência do grupo, assim como a comercialização do pescado capturado.

Nessa perspectiva o presente artigo é um dos resultados das pesquisas realizadas com pescadores artesanais na praia da Croa Comprida na cidade de Augusto Correa-PA, na praia do Maciel na cidade de Bragança-PA e na comunidade do Japim na cidade de Viseu-PA, com trabalho de campo realizado entre julho de 2015 a julho de 2017. O objetivo inicial foi dialogar com pescadores artesanais das diferentes regiões para identificar semelhanças e diferenças na atividade da pesca e posteriormente acompanhar o cotidiano desses pescadores no seu espaço de trabalho, identificando sua ampla relação com o espaço ambiental e social da pesca. Nessa perspectiva acompanhamos os locais de atividades de seis pescadores artesanais, alguns deles, especificamente nas praias dos municípios de Bragança-PA e Augusto Corrêa-PA, a observação foi realizada a partir dos ranchos, que são espaços de moradas provisórias frequentadas pelos pescadores que precisam passar mais de um dia pescando.

Os ranchos (imagem 1) são construções feitas em madeira e cobertos de palha localizadas na beira das praias, servem para abrigar os pescadores enquanto permanecem nos espaços por períodos que podem oscilar entre 2 e 15 dias, em sua simplicidade e rusticidade, serve aos objetivos aos quais se destinam, ou seja, abrigar temporariamente pescadores em suas atividades de pesca. É válido ressaltar que os ranchos são espaços de morada temporários, pois as praias têm apenas acesso marítimo.

Imagens 1– Ranchos na praia do Maciel / Bragança-PA



Fonte: Autores.

O objetivo inicial do trabalho consistia na verificação das semelhanças entre as diferentes pescas artesanais e na especificidades de utilização dos instrumentos utilizados pelos pescadores, entretanto, a

partir da construção dialógica e da proximidade com os pescadores, nossa intencionalidade se direcionou para o questionamento sobre a construção imagética da abundância de pescado em um tempo passado em contrapartida com a realidade atual, mas especificamente sobre as tensões que envolve a atividade da pesca e a presença de uma memória viva e pulsante de um tempo completamente diferente no que se refere a quantidade de pescados. Em outras palavras os discursos dos pescadores nos aproximam de uma memória recorrente a um tempo de grande quantidade de peixes e da facilidade em capturá-los, sendo a produção satisfatória para a venda e também para subsistência do pescador e sua família.

Nesse aspecto, assim como observado por nós e também elucidado pelos pescadores, essa memória é transversalmente atingida pelo exato momento da escassez desse pescado, no sentido não somente da falta, mas também da diminuição do tamanho e da quantidade destes. Assim a partir das vivências foi possível cruzar as experiências dos pescadores artesanais para analisar de maneira mais ampla questões que estão diretamente relacionadas a consequente diminuição dos peixes, que de acordo com os relatos de alguns pescadores, é consequência da pesca industrial realizada por grandes embarcações e grupos pesqueiros com maior intensidade na costa norte do país. No decorrer do trabalho será analisado alguns impactos aos ambientes costeiros, provocados por essa modalidade de pesca, que tem reflexo direto na vida dos pescadores artesanais.

Esses reflexos ficam mais evidentes a medida em que mergulhamos nos relatos dos pescadores, pois a memória não tem um caráter individual, ela está relacionada a um coletivo, que nesse caso está interligado a um contexto mais amplo da pesca artesanal. Ambos os pescadores vivenciam essa atividade desde a infância e hoje estão na companhia de seus filhos, o que nos leva ao questionamento relacionado a maneira como a percepção dessas crianças contribuirá para a construção do imaginário da pesca daqui a alguns anos. Assim, autores como Halbwachs (1990) Bosi (1994) e Braga (2000) reforçam que a memória é um processo elaborado coletivamente que surge na inter-relação entre indivíduo e sociedade, culturalmente sustentada, na qual a memória não é estática e os conteúdos e modos de recordação são determinados por influências sociais, e no caso da presente pesquisa também por influência da relação humano e ambiente.

Para ampliar ainda mais o alcance analítico, Le Goff (1990, p. 411) define que a memória é o espaço onde a história é construída e alicerçada, ela procura trazer o passado para servir o presente e o futuro, para que dessa maneira a memória coletiva sirva para a “libertação e não para a servidão dos homens”.

Entretanto, nessa linha de análise relacionado a memória, Halbwachs (1990) apresenta vários critérios para a compreensão da memória: a memória em seus aspectos individuais, coletivo, histórico, tempo e espaço. Nesse sentido, seria importante encontrar as características que são comuns aos pescadores ou as suas lembranças, como também os aspectos que lhes são divergentes e o contexto em que cada um constrói suas lembranças, pois a memória é estritamente social e coletiva, apesar de constituir-se em uma individualidade.

Pescando saberes: a pesquisa de campo

No trabalho de campo em ambas as praias o ritmo inicia da mesma forma, após algumas horas de viagem no barco de pequeno porte, chegamos próximo ao horário do almoço, retiramos as redes da embarcação e nos direcionamos com elas para dentro da água, assim realizamos os primeiros arrastos do dia, com uma captura de peixe suficiente para realizar a refeição, após a captura nos direcionamos ao rancho, nesse momento o trabalho é dividido entre os presentes, enquanto um é responsável por cuidar do peixe, alguém carrega a bagagem da embarcação, outro vai atrás da lenha (trancos secos de mangue) e faz o fogo, depois de tudo organizado e preparado nós almoçamos.

Ao cair da noite também saímos em direção ao mar com as redes de pesca, a luz apenas das estrelas e de nossas lanternas, enquanto dois pescadores entram no mar, alguém fica a espera na beira da praia, esse é responsável em carregar o peixe capturado. Após umas 3 horas de atividades retornamos ao rancho com aproximadamente 6 kg de pescado, em tamanhos variados entre 30 e 20 cm.

O descrito anteriormente faz referência ao trabalho realizado na praia da Croa Comprida, quando fomos a praia do Maciel o resultado foi bem diferente, enquanto que na praia anterior o pescador se questionava o fato da diminuição no tamanho do pescado e na sua quantidade em relação a outros momentos, na outra praia a rede não pegou nada, almoçamos o que levamos (enlatados e pão), no fim da tarde os pescadores ainda conseguiram uma pequena quantidade de peixe, esse foi nosso jantar. E assim seguiu os

três dias de pesca, com um número insuficiente de pescado até para as refeições de quem acompanhava a pescaria. Alguns pescadores justificam a falta de peixe pela característica da água que está mais luminosa, segundo eles, ela está verde.

Nessa movimentação na busca por explicações acreditamos que os pescadores detêm um conjunto de saberes e habilidades em relação a água e outros elementos do ambiente, nesse sentido compreendemos a água enquanto é um não-humano¹, uma entidade que possui características particulares dependendo do seu estado e das influências externas (as estações lunares e movimento dos ventos), quando verde tem a presença determinadas espécies de peixe que a água preta não apresenta. A forma como os pescadores falam da água é semelhante à forma como falam de um humano, como figurado no relato do pescador Romieu² “a água preta levou tudo, depois ela traz novamente, essa água verde veio ai do norte, veio com o vento do norte. Ele que veio trazendo essa água”.

Na comunidade de Japim (Viseu/PA), situada na beira do rio Piriá, quando solicitamos a um pescador para conversar um pouco sobre a atividade da pesca, a primeira reação foi de querer nos levar no lugar da pesca, para que pudéssemos entender melhor, com a presente reação percebemos quanto o espaço é primordial para apresentar ao outro uma realidade, marcando assim que o olhar faz parte do inteiro processo de pesca. Nosso caminho é trilhado com as histórias, contadas por Zé Bento e Edilson³, que caracterizam as mudanças que marcaram a pesca, evidenciando principalmente que o problema maior foi e é a falta de cuidado e de respeito pelo meio ambiente.

Quando chegamos no lugar de pesca depois de 20 minutos de canoa a motor num rancho na beira do rio Piriá, logo que chegamos o pescador Edilson parecia tímido na frente do gravador, limitando a conversa dele sobre o tempo em que vedaram a pesca de arrasto nas águas do Piriá pertencente à comunidade de Japim, ou seja, no período em que o único tipo de pesca autorizada era de lança, e foi assim que a maioria dos peixes começaram a popular novamente as águas do Piriá. Apesar dessas iniciativas a

¹ Ingold (2000) tem uma ampla discussão entre humanos e não-humanos, a inter-relação entre ambos gera consequências que se refletem em maior ou menor intensidade para todos os envolvidos. Da mesma forma que os pescadores têm uma íntima relação com a água e sobre ela conseguem se constituir enquanto pescadores, a água também tem um histórico dessa relação.

² Pescador de 25 anos que vivencia o ambiente da pesca desde criança quando acompanhava o pai nas atividades, seu relato foi registrado em diário de campo no dia: 01.02.2016.

³ Os nomes utilizados para identificar os Pescadores dessa comunidade são fictícios.

situação do pescador artesanal é difícil e ele acredita que “ainda tem tempo para recuperar a situação que tá feia”.

Zé Bento dá continuidade a fala contando que há mais de 40 anos que ele conhece aquelas águas. Paralelo aos relatos do Sr. Benedito nosso imaginário começa a desenhar as águas da época em que ele começou a frequentar aquele rio ainda criança, quando andava a pescar com os irmãos e o pai. A primeira imagem que evoca é aquela de uma pescaria em que pode avistar umas vinte piranhas passando bem na frente dos pescadores, bem perto da beira da canoa. A memória enquanto um tempo e um espaço muito particulares da história daquela comunidade, uma abundância que marca a memória e leva cada ator social a avaliar quais as possíveis causas dessa mudança.

Os pescadores dessa comunidade perceberam a diminuição dizendo que um tempo atrás eles pescavam até uns 50 kg de peixes grandes sem demorar um dia inteiro e ninguém vendia peixe porque todo mundo podia pescar e auto sustentar-se. Hoje em dia uma quantidade assim grande é impensável até se for demorar dois dias e duas noites. As considerações maiores que são apresentadas por eles, se referem a falta de cuidado com o ambiente perto do rio. Falta de cuidados com as beiradas do Piriá, desmatamento e destruição dos manguezais, além do tipo de pesca, feita com visores e redes que arrastam todo tipo de peixes dos mais graúdos até os mais pequenos, sem a sensibilização para as possibilidades de reprodução.

Imagens 1– Pescador após lançar rede ao rio / Viseu-PA.



Fonte: Autores.

Durante nossa conversa um dos pescadores resolveu lançar a rede ao rio para fazer uma demonstração daquilo que estava falando, da pouca quantidade de peixe, e foi o que verificamos (imagem 2), apenas peixes pequenos. Sr. Zé Bento relata que “ainda tem tempo para recuperar algumas coisas, para não deixar os nossos netos sem nada e se queixando de que não soubemos cuidar do que é nosso”, as lembranças de um passado rico e farto é recorrente e força os pescadores a pensar em possibilidades de mudança.

É válido ressaltar que diferente da posição dos pescadores das comunidades de águas salgadas, que sofrem da fiscalização de órgão ambientais em referência ao tamanho das redes e dos demais controles relacionados aos apetrechos de pesca, algumas regiões de água doce são de responsabilidade das Secretarias Municipais de Meio Ambiente (SEMMA), entretanto o que os moradores das margens do Piriá buscam é um maior controle por parte dos órgãos interessados. Essa necessidade é percebida porque entre 2012 e 2015 a comunidade sentiu a diferença na quantidade de peixes no rio Piriá a partir da ação da SEMMA do município de Viseu, que assessoraram a comunidade com relação a atividade pesqueira, em que foram adotadas a proibição da pesca com malhadeiras e redes e permitindo somente a pesca com anzol, que resultou no repovoamento das águas, uma maior quantidade de peixes.

Em relação aos aspectos legais de preservação e de organização territorial em consonância com as necessidades das populações tradicionais, destacamos que as sociedades tradicionais no país sofreram e ainda sofrem constantes “perturbações” ancorados no discurso de desenvolvimento, o que resultou em um mar de ocorrências negativas na vida dessas sociedades. Foi a partir das lutas populares, que surgiu em meados dos anos 80 do século XX a política de criação das Reservas Extrativistas, esse marco histórico iniciou no Acre com os seringueiros e resultou na criação da Reserva Extrativista Chico Mendes, esse movimento impulsionou outras sociedades tradicionais em todo país que buscavam um espaço em que pudessem ter seus direitos garantidos legalmente, em relação ao uso sustentável dos recursos naturais.

A partir do apresentado é válido identificar que uma das praias em destaque na pesquisa é utilizada por pescadores que moram na reserva extrativista marinha Caeté-Taperaçu (Bragança-PA) e as demais estão localizadas as proximidades de outras Resex (Augusto Corrêa-PA e Viseu-PA). E a proposta fundadora da reserva consiste, de

acordo com o decreto nacional de 20 de maio de 2005, conforme consta no Art. 2º A Reserva Extrativista ora criada tem por objetivo proteger os meios de vida e garantir a utilização e a conservação dos recursos naturais renováveis, tradicionalmente utilizados pela população extrativista na área de sua abrangência. De acordo com o decreto fica evidente que eles deveriam estar amparados legalmente em relação ao uso sustentável desses recursos no entorno da reserva.

Entretanto ao dialogar com alguns pescadores artesanais percebemos também que eles apresentam insatisfação em relação a fiscalização de órgãos públicos como destacado por Sr. Antônio, 83 anos, que trabalha na área da pesca desde os 13 anos e até então é com essa atividade que ele garante seu sustento.

O IBAMA fica controlando as nossas redes de pesca, mas devia tá de olho nos barcos grande que pescam aí fora, que tem redes enormes ligadas a bases de ferro que saem arrastando tudo, até o que tá no fundo, pega o pequeno e o grande, pega tudo, e ainda destrói o local que os peixes desovam. Nesse local em que esses barcos pescam não fica mais nada. O peixe não chega mais na costa, é tudo pescado lá fora, onde só da de pescar com esses barcos grandes, nossos barcos pequeno não vão lá. Se a gente trabalhar só com o malheiro que é permitido fica difícil de pegar muito peixe, aí não dá pra vender, só pra comer. Quando era antigamente o tamanho do peixe era diferente, o serra que a gente pescava era maior, a gó também, esse peixe agora é tudo miúdo, não da tempo de crescer, e nem de desovar e tudo uns filhinho de peixe.⁴

O trabalho do pescador artesanal não tem horário fixo, o tempo está em dinâmica com as reações da maré, que por sua vez segue o ritmo das estações lunares, salinidade de água, temperatura etc., fora do mar o trabalho continua, fazendo o concerto das redes e dos demais apetrechos de pesca. Durante as conversas com ele, em vários momentos foi inevitável viajar com ele por lembranças ligadas ao momento de fartura, em meio a esse trabalho da memória ele passeia por temas diversos e questiona a estrutura que existe em relação a fiscalização ambiental, realizada principalmente pelo IBAMA.

Durante o período em que acompanhamos Sr. Antônio, acompanhamos também outro pescador que o acompanhava nas pescarias. Todos de um modo geral remontam a um período propício para uma pescaria farta, os apetrechos para a captura do pescado hoje precisam estar em constante adaptação para “pegar o peixe” (tamanho da malha, chumbamento, extensão da rede e outros). Como acompanhamos todo o processo,

⁴ Anotações do diário de campo em: 13.07.2015

sentimos na pele o que é sair para pescar e capturar apenas o suficiente para a alimentação dos pescadores.

O que ouvimos poderia perfeitamente se enquadrar naquele dito popular de que nada mais é que “história de pescador”, entretanto, não só ouvimos, mas também observamos e acompanhamos a vida de cada ator social em evidência na pesquisa e no geral percebemos nas falas suas memórias individuais dialogam com a memória coletiva de um tempo abundante, que apesar de morarem em regiões diferentes nos proporcionaram viagens semelhantes por suas lembranças de um tempo bom, em que era possível viver de maneira harmoniosa com o ambiente, em que as águas eram as responsáveis por levar o peixe e trazê-los novamente em abundância, alguns até identificam as consequências das grandes embarcações utilizadas na pesca industrial, mas se veem pequenos demais para fazer algo a esse respeito e a solução mais imediata encontrada é tentar se adequar a essa escassez de pescado e relatar essa abundância que infelizmente só encontramos em suas memórias.

As tensões da pesca

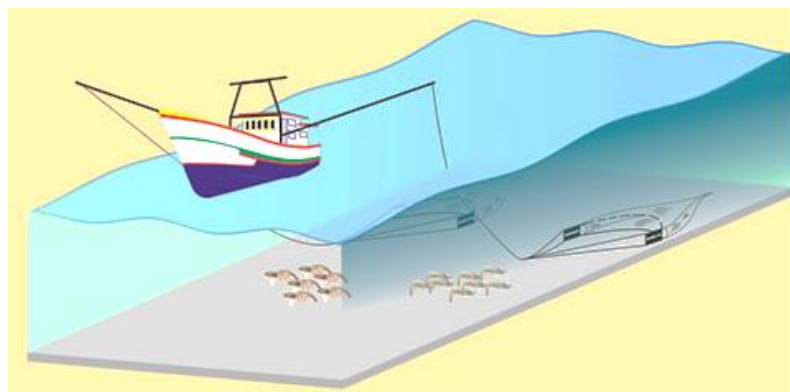
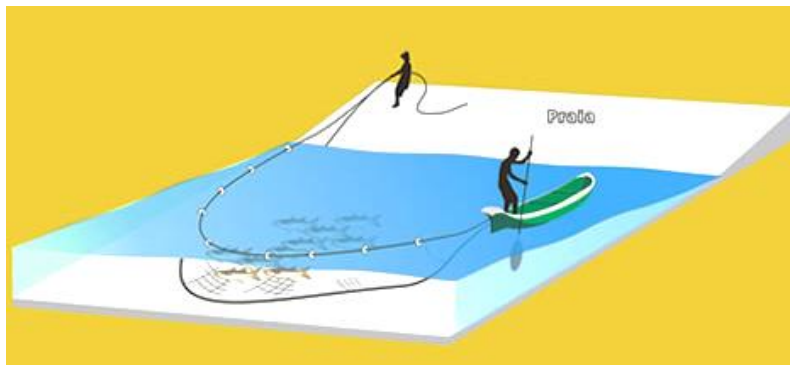
Para melhor elucidar as questões relacionadas a pesca artesanal e a pesca industrial, identificamos de acordo com Batista et al (2004) as categorias de captura do pescado na região Costeira da Amazônia, ele destaca primeiramente que até a década de 40 as embarcações utilizadas na pesca eram “primitivas” e a partir dos anos 60 com o surgimento dos incentivos fiscais e com a liberação da entrada de empresas pesqueiras na região acelerou-se o desenvolvimento tecnológico da pesca.

Batista et al (2004) apresenta que dentre a frota que realiza as atividades pesqueiras nas regiões costeiras se destacam principalmente a industrial e a artesanal e de acordo com o IBAMA em 1994 eram 58 embarcações cadastradas em atuação para a pesca da piramutaba (*Brachyplatystoma vaillantii*), 150 embarcações camaroeiras e 44 para a captura de pargo, e apenas faz referência a frota para a captura da lagosta, mas não quantifica declarando que trata-se de uma atividade recente na região. Em relação a categoria artesanal, é apenas identificado pelo autor que existe um “grande contingente”, mas não é quantificado.

Considerando o exposto, para o trabalho em questão é válido destacar os impactos ocasionados por essas embarcações de atividade pesqueira industrial na vida

do pescador artesanal, o mar não é uma fonte inesgotável de pescado, com o exercício de captura em larga escala fica evidente a diminuição desse peixe. Para fazer uma comparação visual do estilo de pesca realizadas por ambas as modalidades, abaixo destacamos duas imagens, referentes ao estilo da pesca artesanal e a outra a pesca industrial.

Imagem 3 e 4– Representação da pesca artesanal e da pesca industrial de arrasto, respectivamente.



Fonte: José Claro da Fonseca Neto (<http://www.cem.ufpr.br/litoralnotacem/pesca.htm>)

A partir da observação das imagens, em que tentamos apresentar visualmente as diferenças entre os dois estilos de arrasto feito pelo pescador artesanal e pelas embarcações de porte industrial é interessante considerar as contribuições de Santos (2003, p. 25) “quando um determinado ator não tem condições para mobilizar as técnicas consideradas mais avançadas, torna-se, por isso mesmo, um ator de menor importância no período atual”. Nessa perspectiva temos nas imagens uma das diferenças entre a pesca artesanal e a industrial, apenas sob a ótica dos instrumentos e das tecnologias utilizadas, não desconsiderando os investimentos financeiros para a realização de ambas.

O autor fala ainda das comunidades tradicionais que acabam ficando a margem do acesso a informações em uma sociedade que cultua o consumo e que hegemoniza o que se adequam a essas novas perspectivas, em outras palavras, aos que podem ter acesso a bens e se adequar aos avanços exigidos pela pesca predatória, adequando-se a demanda de produção cada vez mais intensa que exige embarcações mais bem estruturadas e equipamentos cada vez mais avançados.

A associação entre a tirania do dinheiro e a tirania da informação conduz, desse modo, a aceleração dos processos hegemônicos, legitimados pelo pensamento único (...) os processos não hegemônicos tendem a desaparecer fisicamente, seja a permanecer, mas de forma subordinada, exceto em algumas áreas da vida social (...). Mas tal situação é sempre precária, seja porque os resultados localmente obtidos são menores, seja porque os respectivos agentes são permanentemente ameaçados pela concorrência das atividades mais poderosas. (Santos, 2003. p. 35)

De acordo com o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) atualmente a pesca industrial em todo o Brasil conta com a atuação de 1.600 embarcações, tendo 6 principais portos de desembarque, entre eles um na cidade de Belém-PA. De acordo com informações do MPA, desde 2004 são feitos incentivos financeiros para a ampliação da frota pesqueira industrial através do PROFROTA.

Em relação a pesca artesanal na cidade de Bragança, de acordo com Espírito-Santo e Isaac (2012), 948 embarcações atuaram nos portos da cidade, a maioria era proveniente do estado do Pará (97%) distribuídas em 34 portos de origem e as demais de outros estados. Em relação a assistência, destaca que os serviços de assistência técnica para a pesca artesanal no Nordeste Paraense se “constituem num dos pontos mais frágeis da atividade”, ressalta ainda na urgência de preenchimento dessa lacuna, considerando a realidade dos pescadores, como ele acompanhou de perto durante sua pesquisa, “as comunidades que sobrevivem da pesca artesanal estão submetidas e marcadas pela pobreza rural”.

Para Peixoto (2011, p. 103)

a pesca artesanal em termos de produção pesqueira, geração de empregos, fornecimento de alimentos e divisas, como se trata de uma atividade menos impactante para o meio ambiente, é mais sustentável que a pesca industrial, o que não quer dizer que ambas não possam conviver. Porém, o modelo de desenvolvimento brasileiro, concentrador de renda, voltado para a exportação nas grandes empresas, veio acentuar o abandono da pequena produção, particularmente da pesqueira. Os reflexos desse abandono são sentidos nas esferas regionais e estaduais.

A estrutura econômica que rege o sistema político no país nos arrasta para uma exclusão cada vez mais acentuada de comunidades tradicionais, fazendo com que essas sociedades ressignifiquem seu estilo de vida, buscando se homogeneizar aos demais. Entretanto esse movimento de adequação leva junto toda uma construção sociocultural que ainda dialoga harmoniosamente com as questões ambientais e também sociais, principalmente em relação a reciprocidade com os humanos e o ambiente.

Considerações Finais

O trabalho apresentado é o ponto de partida para uma discussão ampla de um modo de vida que está ameaçado. Os tradicionais pescadores artesanais, que nas atuais configurações sociais, estão a mercê da própria sorte, ou da bondade do ambiente, como a água verde ou a água preta, para mandar o peixe de volta. Como o peixe nem sempre volta, a frustração toma conta do pescador artesanal que hoje precisa trabalhar dobrado para capturar quantidades bem menores de pescado.

A sensação de impotência diante do novo cenário pesqueiro para esses atores sociais não é animador, o que foi possível visualizar no ainda breve trabalho etnográfico realizado nos três espaços de pesca foram ecos do passado em que os pescadores riam felizes contando seroadas (uma unidade de medida referente a um paneiro cheio de peixe) e mais seroadas de peixe, que eram pescados com mais facilidade e com mais rapidez. Ao redor da fogueira na qual comemos o pouco peixe que foi pescado, foi possível ouvir muitas histórias desse tempo, um tempo de abundância que no ritmo de predação atual, fica cada vez mais preso a um passado cada vez mais distante e ligados a uma memória que não cansa de ser revisitada e lembrada com afeto.

Destacamos que toda a estruturação do trabalho teve como ponto de partida a lembrança dos pescadores a cerca de um momento específico de suas vidas, no decorrer da participação na vida desses atores sociais, nos aproximamos dos seus anseios e de suas preocupações, eles nos direcionaram para a pesca predatória (industrial) e foi a partir da busca por ela na comparação com a pesca artesanal que estruturamos a pesquisa, mas é de conhecimento comum, que muitas são as causas para as consequências ambientais nos dias atuais, afinal a falta de peixe é uma das inúmeras consequências sofridas pelos ambientes marinhos resultado das ações humanas.

Essa tentativa do humano em tentar dominar a qualquer custo e também se beneficiar dos organismos vivos e do ambiente se arrasta por gerações, mas em um determinado momento chegamos no nosso limite humano, os humanos precisam dos não humanos, mas não necessariamente os não humanos precisam de nós, meros humanos.

Referências Bibliográficas

BATISTA, Vandick da Silva. ISAAC, Victoria Judith. VIANA, João Paulo. Exploração e manejo dos recursos pesqueiros da Amazônia In: *A Pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia*. Manaus: Ibama, ProVárzea, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. *A constituição social da memória: uma perspectiva histórico-cultural*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2000.

BRASIL. *Ministério da Pesca e Aquicultura*. Pesca artesanal e industrial. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/pesca/industrial> Acessado em: 25.02.2016.

_____. Decreto de 20 de maio de 2005. Criação da Reserva extrativista Marinha Caeté-Taperuçu.

ESPÍRITO-SANTO, Roberto Vilhena do; ISAAC, Victoria Judith. Desembarques da Pesca de pequena Escala no município de Bragança-PA, Brasil: esforço e produção In: *Boletim do Laboratório de Hidrobiologia*, 25 (1): 31-48. 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de LAURENT LÉON SCHAFFTER. 2ª ed. São Paulo: Vertice, 1990.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

LE COFF. Jacques. *História e Memória*. Campinas: SP Editora da UNICAMP, 1990.
MEIRELES, Cecília. Pescaria In: *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

PEIXOTO, Ana Carolina Beltrão. *Pescador de ilusões: o trabalho da pesca artesanal e a sustentabilidade do desenvolvimento em comunidades pesqueiras nos municípios de Pão de Açúcar e Olho D'Água do Casado no Baixo São Francisco alagoano*. UFPE, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9155>. Acessado em: 5.03.2016.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ªed. São Paulo: Edusp, 2003.

SANTOS, Marcos Antônio; FILHO, Mario Corino; NEVES, Paulo Rogério; AGUIAR, Cláudia Glaucilene. *Análise socioeconômica da pesca artesanal no Nordeste Paraense*. XLIII Congresso da SOBER. Ribeirão Preto: 24 a 27 de Julho de 2005.

Recebido em 20/8/2017. Aceito em 20/10/2017.

Sobre autores e contato:

Gabriella Bianca Miuta Cavalli- Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia / UFPA. Integrante do grupo de pesquisa LELIM/UFPA. E-mail: gabriella.cavalli85@gmail.com

Jéssica do Socorro Leite Corrêa - Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia / UFPA. Integrante dos grupos de Pesquisa ESAC e LELIM/UFPA. E-mail: etieljessica@gmail.com.

Luis Junior Costa Saraiva - Doutor em Antropologia. Professor Adjunto ACED/UFPA, Campus de Bragança. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia/UFPA. Membro do grupo de Pesquisa Estudos Socioambientais Costeiros (ESAC). luisjsaraiva@gmail.com